

Humanismo e Ontopsicologia¹

POR ANTONIO MENEGHETTI

1. PREMISSA

O meu passado cristão me consentiu me tornar um humanista em sentido clássico, histórico, dando-me a responsabilidade racional sobre o que é o homem, como fazê-lo, como sê-lo, porque *o homem é sempre maior do que as suas crenças*. Quando o homem crê, significa que perdeu a evidência e a segurança da práxis: caiu na dúvida e confia nos testemunhos e na esperança.

Como cientista, constatei o que o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) denunciava e demonstrava, ou seja, que faltava à humanidade a segurança de uma ciência exata². Desde então ninguém respondeu ao desafio que Husserl propunha a todos os cientistas. Ele sustentava que havia outra estrada – que, porém, ele mesmo não conhecia – na qual era possível dar *critério operativo*

de realidade ao existir e ao fazer do homem.

Além disso, eu tive a experiência da falência do humano, porque, sobretudo a Segunda Guerra Mundial foi combatida entre cristãos, isto é, era o emblema do homem contra o humano³.

Naquele momento entrei em crise e, através de dez anos de práxis clínica de sucesso, descobri *uma racionalidade elementar que é insita à radicalidade do homem natural*. Ao se compreender o homem podemos salvar tudo, sobretudo a possibilidade da sua racionalidade no plano existencial (pedagogia e sociologia). Portanto, trabalhei e obtive resultados que hoje me constituem um homem sereno, que tem vontade de participar com quem deseja este espaço de realização.

¹ Reelaboração da conferência realizada pelo Acadêmico Professor Antonio Meneghetti no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista “Recanto Maestro” (RS-Brasil), no dia 07 de março de 2010, na ocasião da Cerimônia de Inauguração da nova sede da “Antonio Meneghetti Faculdade”.

² [Em um ciclo de] conferências realizadas em Viena e em Praga em 1935, Edmund Husserl obrigou-se a admitir a impossibilidade de encontrar resposta aos interrogativos profundos do humano através do uso das assim chamadas ciências exatas. Husserl, partindo da observação inicial de uma crise da humanidade europeia, denunciou uma realidade em ato muito mais profunda, evidenciado pelo título originário do ciclo de conferências de Praga: ‘A crise das ciências europeias e a psicologia’. MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2010. Cf. HUSSERL, E. *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale*. Turim: Il Saggiatore, 1961. As primeiras partes da obra *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* foram publicadas na revista “Philosophia”, de Belgrado, em 1936.

³ Depois das duas guerras mundiais onde o homem sob o signo cristão (as nações participantes eram de cultura cristã) provocou conflito contra si mesmo, o planeta do homem – 1940-1980 – se caracterizou pelo bolchevismo e pelo deus americano do dólar (*In God we trust* e *God qui annuit coeptis, incipit novus ordo saeculorum*). O primeiro conteve o homem dentro do materialismo dialético como última letra do alfabeto (em russo, o pronome “eu” se traduz “я” [ia], que é a última letra do alfabeto), como uma bolha malcheirosa dos séculos (Maiakovski), capaz somente de proliferar outros similares sem evolução. O segundo fundamentou um sistema corporativo capitalístico que ativa, através de categorias democráticas, a colonização e clonagem dos cérebros. Com a Ontopsicologia se faz a revisão crítica da consciência (egoceptividade) para torná-la reversível com a percepção real (extero e proprioceptiva). Com isso se abre a funcionalidade de ser e fazer segundo o projeto evolutivo do Em Si do homem.

2. HUMANISMO E ONTOPSICOLOGIA

O homem é um ente inteligente social (*comunidade do ser*), animal-vegetal, racional-histórico. O conceito de *socialidade* é imanente na individuação do ente homem⁴: somos necessitados – pelo intrínseco do nosso espírito – a amar e estar com os outros, porque o outro também sou eu. Isso deriva do fato que cada homem que existe é gerado e partícipe do ser geral que a todos nos colocou.

Animal-vegetal: é o aspecto biológico do homem, que é bastante evidente.

Racional-histórico: “racional” significa que confronta, compreende, mensura, verifica; porém é também histórico⁵, isto é, muda em tempo e espaço. A nossa lógica – por natureza – é essencial no critério e metamórfica na aplicação segundo a exigência das diversas situações⁶. Portanto, no contexto histórico cotidiano, a racionalidade humana deve ser adaptativa, mais do que a política⁷.

Este ente inteligente em existência social pertence à categoria universal da *constante H*⁸. Da mesma forma que em física e em matemática se fala das constantes (por exemplo, a constante de Planck, de Hubble etc.), existe também a constante H, que é um projeto interplanetário galáctico que define um formal de inteligência. Tal constante é uma forma inteligente, espiritual, livre, com racionalidade capaz de compreender diversos ambientes existenciais (a Terra é um dos possíveis), e diversos modos de existir como individuação físico-histórica: a virtualidade é igual, porém, a fenomenologia pode ser diferente. Por exemplo, o homem no planeta Terra

possui um determinado corpo animal-vegetal, baseado sobre uma química atômica, cujos compostos são codificados por meio do DNA⁹; todavia, em outros planetas e universos a entidade homem pode existir em um composto químico-físico diferente¹⁰. Logo, diversidade de compostos químico-físicos, mas identidade de forma inteligente racional. Tudo isso se verifica a partir de profundas pesquisas evidenciadas nos traçados psíquicos do inconsciente pluri-milenar do humano, através das quais se deduz que o ser humano de hoje é o resultado de épocas de muitos milênios atrás.

Por tal projeto de pertencimento à constante H, o homem é parte intrínseca da criação histórica do universo.

Pelo seu livre arbítrio¹¹ pode fazer bem ou mal, evolução ou destruição de si e de tudo o que dele depende. A possibilidade de livre arbítrio determina não a perfeição estática necessária, mas o assim chamado bem e mal, isto é, o homem se autoconstitui continuamente nesta história individual, planetária em dúplice possibilidade constante: autodestruição (nihilismo existencial), ou evolução a um pleroma ôntico (visão edênica). O homem é um iniciado, faz parte de um programa da geração em ato. Todavia, a vida da constante H sobre este planeta poderia até mesmo desaparecer¹². Portanto, o homem deve assumir uma *responsabilidade* não somente frente à espécie que habita este planeta, mas também no jogo de outras conexões¹³.

Tudo isto se configura e se especifica no que se define “Em Si ôntico”¹⁴: um princípio seminal do que vulgarmente se chama “alma”, “intelecto” etc. É o formal que dá a identidade de existir.

Cada um de nós é único, irrepitível e gerido pela participação do ser na

existência. Mas, a partir do momento em que cada homem existe como indivíduo, tem implícita uma ordem, um projeto, um critério. Ao se adequar a este critério, evolui-se na contemporaneidade das outras leis da física, da natureza, do universo e, portanto está bem, é realizado e caminha na satisfação. Se não se adéqua a este princípio, sofre, está mal, porque não é conforme à própria identidade ôntica. Por isso, a regra do prazer e da realização é *fazer racionalidade histórica em conformidade ao princípio (Em Si ôntico)*, do qual cada homem – pelo fato que existe como humano – é partícipe, possuindo-o em dote de natureza. O fato de que seja um *virtual*¹⁵ implica vontade, preparação, trabalho, a dura história do fazer-se, do devir, do construir-se. Realmente, cada homem é construtor da própria vida.

O homem é um projeto seminal (virtual) do ato criativo do Espírito que dá o critério às leis do universo.

O Em Si ôntico é fundamental em toda a Ontopsicologia. Quando intervenho como consultor, por hipótese em um caso de doença, o meu critério não é a medicina, a psicologia, a filosofia, a religião, a minha experiência etc.; cada homem já possui o próprio critério, e a doença inicia quando o sujeito é contra a própria identidade de natureza. Por isso, para estar bem é suficiente reconstruir a consciência e o comportamento do sujeito em conformidade a este critério¹⁶, o qual se expõe antes de tudo em modo *biológico*: beber boa água potável faz bem, beber água não potável faz mal, e assim por diante.

O critério que já temos ínsito por natureza é químico, físico, biológico, e inteligente, espiritual, altamente moral. Isso depende do fato que o *Em Si ôntico apela à constante H*, portanto a um

⁴ Cf. ‘A origem da socialidade’, em MENEGETTI, A. *A crise das democracias contemporâneas*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2007.

⁵ Do grego ἱστορέω [istoréō], que por sua vez deriva de ἵστημι [istemi] = coloco, ponho, estou e ῥέω [hréō] = escorro.

⁶ Uma coisa é a época glacial, outra é a época da estiagem; uma coisa é a época de uma sociedade capitalista e escravista, e outra é a da democracia coletiva. Uma coisa é uma sociedade sadia, outra coisa é uma sociedade doente de AIDS. Uma coisa é uma sociedade atea, outra uma sociedade religiosa, e assim por diante.

⁷ Um grande político muda o mundo, mas jamais a grande verdade. Portanto, deve saber se adaptar através de uma racionalidade de serviço.

⁸ Cf. MENEGETTI, A. *O critério ético do humano*. Porto Alegre: Ontopsicologica, 2002. Segunda parte. Cf. de Max Planck (1858-1947), a coletânea *La conoscenza del mondo fisico*, Torino: Einaudi, 1942; e de E. Hubble (1889-1953), *The realm of the nebulae* (O reino das nebulosas), New Haven, 1936.

⁹ Cf. MENEGETTI, A. *Genoma ôntico*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica, 2003.

¹⁰ Considerar que a humanidade esteja presente somente sobre o planeta Terra é fascismo infantil.

¹¹ O homem é um inteligente *racional*: “inteligente” poderia parecer somente perfeição de ser, mas o fato de que seja também “racional” significa que entra nas partes, comparando o mais e o menos, o belo e o feio etc. Portanto, já esta capacidade de discutir e de verificar diversas partes opostas, às vezes em contradição, implica a possibilidade do livre arbítrio, isto é, fazer ou não fazer.

¹² Por exemplo, caso seja levada adiante a pesquisa sobre o urânio, de modo incontrolado.

¹³ Com isto não quero afirmar que o ser humano sobre o planeta Terra precisa da ajuda de povos de outros planetas: é perfeitamente capaz e autossuficiente de gerir um primado de serviço responsável à própria existência, ao próprio planeta e a tantos outros projetos.

¹⁴ Cf. MENEGETTI, A. *O Em Si do Homem*. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2004.

¹⁵ “Virtual” é uma das quinze características do Em Si ôntico e significa que “cada atividade sua ou crescimento é sempre inerente a um projeto formal que se explicita em efeitos polivalentes dependentes de uma idêntica forma, a qual antes de efetuar-se resta apenas possível. O conceito de virtualidade não significa um programa fixo, mas disponibilidade à amplitude de um projeto que, no início, é apenas essencial, cuja realização depende do acontecimento conjunto de outras causas; a virtualidade não significa necessidade do fruto, mas possibilidade”. MENEGETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologica Ed, 2008. p. 92-93.

¹⁶ Cf. a conferência sobre o tema ‘Psicossomática do câncer’, realizada pelo autor em 14 de novembro de 2009, no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista “Recanto Maestro” (RS-Brasil).



“Cada um de nós é único, irrepetível e gerido pela participação do ser na existência. Mas, a partir do momento em que cada homem existe como indivíduo, tem implícita uma ordem, um projeto, um critério. Ao se adequar a este critério, evolve-se na contemporaneidade das outras leis da física, da natureza, do universo e, portanto está bem, é realizado e caminha na satisfação.”

princípio universal da vida. Exatamente como na física são elaboradas algumas leis, mas isso não significa que são os físicos que as constroem: os cientistas simplesmente as evidenciam a partir dos experimentos e, através de uma série de induções, ao final chegam à dedução de um princípio universal sobre aqueles comportamentos, sobre aqueles corpos, naquelas situações.

A característica fundamental do *Em Si ôntico* é a racionalidade de encontrar, fazer e compreender as coisas segundo o critério da própria identidade físico-histórica em ambiente existencial definido. Isso significa que o tipo de civilização, ciência etc., que o homem construiu não é o único possível. Suponha-se que se tivesse construído uma civilização baseada sobre a química ao invés da física: com duas ou três gotas, no espaço de uma hora, poder-se-ia fazer crescer uma árvore de 30 ou 40 metros, deslocar uma casa etc. De fato, as reações da química são muito mais fortes do que aquelas descobertas na física, mas, de qualquer modo, foi tomada esta estrada e se continua deste modo. Também em âmbito econômico, o petróleo não é essencial, nem é o mais econômico ou o melhor. Todavia, através do petróleo (ou da gasolina e outros derivados), se dá trabalho a milhões de pessoas; porque hoje o problema fundamental não é a pesquisa em si, mas dar emprego a todos, uma vez que o trabalho é a base da dignidade para todo indivíduo, e se não existe dignidade, os humanos se destroem entre si¹⁷.

“Critério da própria identidade físico-histórica, em ambiente existencial definido” significa que cada um de nós acontece com uma exceção precisa: a partir do momento em que cada um está aqui, agora e assim, conseqüentemente tem problemas e oportunidades, por isso pode escolher, organizar, ter êxito ou ser vencido.

O ser é, e quando se individualiza, existe como indivíduo específico. A individualização se faz através de matéria e de forma em tempo e espaço. Daqui o ser se faz existente. Mas contemporaneamente, enquanto existe, mantém a própria transcendência.

No meu *Em Si ôntico* eu sou

contemporaneamente também fora da presença do meu corpo em tempo e espaço. Isto é, posso conceber e saber para além das restrições químico-físicas das coordenadas espaço-temporais. Por isso, a minha inteligência transcende qualquer aparência de materialidade, mesmo que eu seja mortal: no momento em que participo deste critério da identidade do ser que existe enquanto eu, eu sou contemporâneo à eternidade da vida.

No acontecimento individuado (físico-histórico) sofre o antes e o depois de tempo e espaço, na dialética de todas as variáveis similares e opostas da fenomenologia dos pluralismos existenciais.

O *Em Si* do homem existe enquanto se atua a congruência entre identidade ôntica, identidade de natureza biológica e correspondência da práxis interativa, ou projeto de metabolização da autóctise histórica.

Nós nascemos, nos geramos; mas depois, a cada dia, o homem gera a si mesmo, e continuamente pode crescer ou regredir. Cada escolha faz conseqüência a outras escolhas. Portanto, o homem está bem se está em coincidência com este projeto ôntico, enquanto está fora do jogo quando faz arbítrio fora do critério que o faz existir.

A imortalidade é relativa: pode existir ou não existir. Decisivo é viver como: em conformidade ou deformidade com o próprio projeto que sempre se ritma com o projeto universal da vida, enquanto, ao invés, não é lógico o investimento fora do critério ou episteme do individual *Em Si ôntico*. Caso seja conforme ao próprio critério, o homem vive feliz; quando se distancia deste princípio – que é a racionalidade histórica total do nosso existir individual e social – o indivíduo está mal.

O *Em Si ôntico* foi a descoberta fundamental à qual pude chegar por meio de ciência experimental¹⁸. Também a filosofia ontopsicológica¹⁹ não nasce de conceitos, mas de experiência clínica, histórica, em todos os diversos campos onde é aplicada, porque o critério utilizado é sempre o *Em Si ôntico*, que o outro já possui insito em si mesmo, mas que não conhece por erros, por morais e por sobreposições de estereótipos não

funcionais²⁰.

Eu, em sintonia com o projeto local do mundo-da-vida, e com a ordem do ser em si. Daqui ressalta-se a dignidade, a responsabilidade e a estética feliz de ser homem ontológico neste e outros planetas.

O *Em Si ôntico* é para o homem o critério dos critérios. Mesmo na hipótese de um deus pessoal absoluto, este critério permanece imprescindível. Ele se revela subjetivamente, mas funda-se no realismo objetivo do ser.

O *Eu* é posto pelo real (ou ser em si), mas quando se reconhece é o *Eu* que se fez real e depois existência. Ou seja, sou eu que me constituo tão logo me reconheço. O ser começa, mas eu defino.

Tudo isto é sempre, e é enquanto o *Eu* conhece, ou seja, tudo é real enquanto eu existo, tudo é problemático enquanto eu existo; antes ou depois do meu existir, tudo é nulo.

Além disso, sem o *Eu* também o ser não existe para o *Eu*. O problema de Deus, da morte etc., existe sempre depois do “*Eu*”, e tudo é responsabilidade enquanto eu existo para mim. Sem mim nada tem significado e nada existe para mim.

A perenidade do ser sem o *Eu* é o nada que exclui qualquer hipótese ou problema. Eis porque é indispensável fazer metanoia²¹: para ter um *Eu* exato, capaz de fazer reversibilidade com o ser. Se o homem tem uma consciência exata, pode intercambiar entre existência e ser, porque contemporaneamente, enquanto existe, é também o ser. Mas para esta passagem – metanoia – é necessário refazer do início a autenticação do próprio *Eu* lógico-histórico, isto é, conformar o próprio *Eu* lógico-histórico²² à intencionalidade do próprio *Em Si ôntico*.

Entretanto, eu, aqui, agora, sou e, por conseqüência, ajo e me amplio no ser. Existir como homem é oportunidade e empenho de fazer criação em amor e exaltação. Amor²³, porque é belo fazer e realizar e, portanto, conseguir amar. Saber amar é um ponto de chegada. Todos pretendem amar, mas quase ninguém é capaz de amar, porque para amar o outro se deve conhecer o que é mais útil e funcional para a sua identidade.

Os conceitos ontopsicológicos de unicidade e irrepitibilidade para cada

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Cf. MENEGHETTI, A. *Ontopsicologia Clínica*. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2005.

¹⁹ MENEGHETTI, A. *Filosofia Ontopsicológica*. 5. ed. Florianópolis: Ontopsicológica, 2003.

²⁰ Cf. o conceito de “diretividade” em Ontopsicologia, no capítulo ‘A psicoterapia individual’, de MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica, 2010.

²¹ Do gr. μετανοέω [metanoéo] = mudança de mente. Significa: mudança de consciência.

²² “A parte lógica e consciente de todas as operações voluntárias, responsáveis, reflexivas, inteligentes, racionais, mnemônicas etc. Estrutura mediatriz entre o real introverso e o real extroverso, e vice-versa. É o ponto onde acontece a tomada de consciência, de responsabilidade, de voluntarismo, de racionalidade”. MENEGHETTI, A. *Dicionário de Ontopsicologia*, op. cit., p. 112.

²³ “Do lat. *a me oritur* = surge de mim. Ação com investimento egóico para o outro (e não substituição do outro). Participar do próprio íntimo em desenvolvimento do outro”. Ibid., p. 25.



indivíduo propõem o pluralismo infinito de psicologias e culturas, de tradições e inovações, exatamente como se possuem várias linguagens para exercitar aquela razão atemporal e soberana da mente ou intelecto que explicita o Em Si ôntico.

Nós temos muitas línguas (italiano, francês, russo, português etc.) para agir a mesma razão, lógica, direito etc.: múltiplas idiomas e culturas, mas unidade na identidade racional.

Esta multiplicidade de culturas e tradições é fundamental para a nossa existência: *monoculturas não são previstas pela lei da vida*, isto é, o ser quer o pluralismo, porque, se falta a multiplicidade como variedade, que interesse o ser tem em manter as individualizações? O ser já é tudo, e se diverte a admirar como as diversas existências jogam. Portanto, a novidade, a criatividade, a espontaneidade, o jogo sem fim, a cena infinita da criação. E isto faz estupor, curiosidade, atração, maravilha, êxtase.

O pluralismo é a necessidade de viver a existência. A grama é vida, a água é vida, a sociedade é vida, a bactéria é vida, o cavalo é vida etc. Quão opostos são os lugares da vida! E ainda assim participam, enquanto diversos, do único ato. Se reduzidos à monocultura do único ato é a morte específica de cada diferente.

Enquanto existo, eu sou ser, e participo dos seus princípios essenciais, menos da autossustentação²⁴. De fato, eu existo começado e termino. Vê-se por evidência.

O ser: é, uno, bom, verdadeiro, belo. Estes cinco aspectos são tais por natureza, por lógica intrínseca. A partir do momento que o ser é, é; é uno (pessoa, indivíduo); é bom; é verdadeiro; é belo. Então eu posso conhecer aquilo que é, porque o ser é; uno ou dividido, porque nasço da unidade do ser; bom ou ruim, porque nasço da bondade do ser; verdadeiro ou falso, porque nasço do verdadeiro do ser; belo ou feio, porque nasço do belo do ser. Daqui nasce o fundamento para o problema crítico do conhecimento²⁵: como

“Nós nascemos, nos geramos; mas depois, a cada dia, o homem gera a si mesmo, e continuamente pode crescer ou regredir. Cada escolha faz consequência a outras escolhas. Portanto, o homem está bem se está em coincidência com este projeto ôntico, enquanto está fora do jogo quando faz arbítrio fora do critério que o faz existir.”

²⁴ Cf. 'Il problema della "causalità", del "fine" e l'essere per sé sussistente', em MENEGHETTI, A. *Dalla coscienza all'essere: come impostare la filosofia del futuro*. Roma: Psicologica, 2009.

²⁵ Este argumento é discutido no capítulo 'A insubstituível função da Ontopsicologia', em MENEGHETTI, A. *Manual de Ontopsicologia*. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicologia, 2010.



se funda a radicalidade da razão para fazer filosofia, ciência, direito de ação na história e no universo. *Daqui nascem os primeiros princípios da minha racionalidade, ou seja, aquela racionalidade que conhece o sempre do conforme ou diverso das unidades ou identidades preestabelecidas.*

E isso era verdade antes do meu nascimento, e será verdade depois da minha morte.

Como não me preocupa o antes do meu nascimento, igualmente não me preocupa o depois de mim. De qualquer forma, sei o sempre, mesmo que eu tenha participado dele em pouco tempo e espaço.

Esta é a alegoria da criação que eu sou e estou fazendo. E passarei o espírito a outros que saibam amar, para que a vida continue a exaltar-se na forma ou constante H do homem.

O ser que é, é o edênico do nosso existir.

A ciência ontopsicológica é uma técnica de verificação da consciência, de pesquisa e de operação ao escopo do *humanitas*, porque este planeta é maravilhoso, e nós somos os responsáveis por ele; fomos colocados aqui para fazer algo a mais, algo de belo, e isto é um fascínio que faz intencionalidade psíquica no indivíduo e na sociedade.

“A ciência ontopsicológica é uma técnica de verificação da consciência, de pesquisa e de operação ao escopo do *humanitas*, porque este planeta é maravilhoso, e nós somos os responsáveis por ele; fomos colocados aqui para fazer algo a mais, algo de belo, e isto é um fascínio que faz intencionalidade psíquica no indivíduo e na sociedade.”